

A ADERÊNCIA DO MERCADO FINANCEIRO ÀS ODS ATRAVÉS DE PRÁTICAS ESG: UM ESTUDO DE CASO DO SANTANDER PRIVATE BANKING¹

LA ADESIÓN DEL MERCADO FINANCIERO A LAS ODS MEDIANTE PRÁCTICAS ESG:
Un estudio de caso del Santander Private Banking

Raíza Victória Fontes Silvestre Romero²

RESUMO: o seguinte trabalho tem o propósito de compreender a importância da Agenda 2030 no âmbito global e, posteriormente, no contexto do mercado financeiro, ademais de entender qual é o papel dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) como instrumentos chave para o desenvolvimento sustentável nas organizações. A partir disso, será introduzido o conceito de ESG (Environmental, Social e Governance) como estratégia utilizada pelas empresas para levar à cabo as ODS e, também, para medir riscos e resultados. Por fim, será ilustrado um estudo de caso sobre o posicionamento ESG do Santander Private Banking, explicando como implementa práticas sustentáveis no seu negócio.

Palavras-chave: Agenda 2030, Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, Mercado financeiro, ESG

RESUMEN: el siguiente trabajo tiene el propósito de comprender la importancia de la Agenda 2030 en el ámbito global y, posteriormente, en el contexto del mercado financiero, además de entender cual es el papel de los Objetivos de Desarrollo Sostenible (ODS) como instrumentos clave para el desarrollo sostenible en las organizaciones. A partir de ello, será introducido el concepto de ESG (Environmental, Social y Governance) como estrategia usada por las empresas para llevar a cabo las ODS y, también, para medir riesgos y resultados. Por fin, será ilustrado un estudio de caso sobre el posicionamiento ESG del Santander Private Banking, explicando como implementa prácticas sostenibles en su negocio.

Palabras clave: Agenda 2030, Objetivos de Desarrollo sostenible, mercado financiero, ESG, sostenibilidad

Introdução

O presente artigo tem como objetivo apresentar um estudo de caso sobre o Santander Private Banking, de forma a compreender a adesão do mercado financeiro à política global para o desenvolvimento sustentável promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU) por meio

¹ Artigo apresentado ao Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais, sob a orientação da Profa. Dra. Marriele Maia Alves Ferreira

² Discente em Economia pela Universidade Federal de Uberlândia (fontesraiza@gmail.com)

de sua agenda 2030, que é recepcionada pelas corporações através das práticas ESG (*environmental, social and governance*).

O objetivo mais geral é ilustrar como as preocupações com o desenvolvimento sustentável impactam no universo empresarial. Mais especificamente, pretende-se analisar numa situação concreta como as práticas ESG servem de ponte e vínculo com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis fixados pela ONU.

Inicialmente, será esclarecida o contexto histórico, a natureza e o significado dos compromissos da Agenda 2030. Posteriormente, será necessário refletir brevemente e de forma geral sobre a relação entre os desafios de uma economia sustentável e as mudanças nas atividades empresariais, introduzindo-se, a partir desse ponto, a discussão sobre o ESG (*environmental, social and governance*), que funciona como indicador ou medida das práticas ambientais, sociais e de governança de uma empresa, e serve para fornecer modos de avaliar o desempenho de uma empresa frente às novas preocupações da economia sustentável. Nesse mesmo ponto, também será questionada a relação específica entre o mercado financeiro e sua adesão ao ESG. A partir daí, realizar-se-á um breve estudo de caso sobre o posicionamento ESG do Santander *Private Banking*, em que será esclarecido quais são as medidas sustentáveis que são adotadas pelo segmento, explicando as suas forças (definidas mediante análise SWOT) e, de maneira breve, quais são os produtos oferecidos e como o *Private* do banco se encontra em relação a seus concorrentes.

Historicamente, a evolução das características próprias da estrutura e organização empresariais tiveram um papel fundamental no que tange à transformação e surgimento de novos sistemas sociais. O desenvolvimento empresarial sempre esteve ligado tanto ao desenvolvimento econômico quanto ao social, transformando a empresa no meio de interação por excelência entre o homem e suas ambições de desenvolvimento, assim como no caminho mediante o qual ele sempre interagiu com o ecossistema e o território.

Exatamente por serem um local de imbricação de interesses, a expectativa de que as empresas se envolvam em moldar e implementar projetos sustentáveis tem se desenvolvido de forma vigorosa nas últimas décadas. As inspirações anti-industriais, antilucro e anticrescimento da época em que o ambientalismo surgiu deu lugar a ideia de que o mercado deve desempenhar

um papel central para atingir as metas de desenvolvimento sustentável³. Nesse sentido, as práticas empresariais assumem fundamental importância no debate sobre a sustentabilidade, pois se consagrou o consenso acerca de que não é possível que apenas os Estados ou os consumidores lidem sozinhos com a questão da sustentabilidade. As empresas, enquanto estabelecem e moldam as cadeias produtivas e de serviços, são as principais responsáveis por determinar como a natureza é transformada através do trabalho, e por isso estão sendo, como nunca antes, instadas a implementar práticas produtivas social e ambientalmente sustentáveis.

A sustentabilidade envolve, justamente, que seja dada atenção a todos os ciclos de vida dos produtos, ao longo de toda a cadeia produtiva, e as necessidades cambiantes dos consumidores que, hoje apontam de forma cada vez mais incisiva na direção de um consumo consciente e na preocupação com o impacto ambiental dos produtos. A pressão para que as empresas divulguem seus compromissos ambientais e o resultado de suas ações para implementá-los já é percebida desde a década de 90 e a preocupação existente nessa época de que as pressões ambientais fosse se intensificar com o passar dos anos, ter seu escopo ampliadas e ter um impacto mais amplo nas indústrias⁴, se mostrou correta.

É nesse debate que se insere o conceito do “Tripé da Sustentabilidade” (ou *Triple Bottom Line*), criado em 1994 pelo sociólogo britânico John Elkington. Este esquema conceitual estabelece que as organizações, ao invés de mensurarem seus resultados levando em conta apenas as vendas, deveriam fazê-lo considerando as três esferas que constituem o Tripé da Sustentabilidade: econômica, social e ambiental. Ou seja, trata-se de ampliar a perspectiva de sucesso de uma empresa, extrapolando os resultados meramente financeiros e incluindo o reflexo da atividade empresarial no mundo através do seu impacto social e ambiental. Essa visão mais abrangente buscou justamente incluir definitivamente nas empresas as preocupações com o desenvolvimento sustentável que vinham ganhando corpo nas últimas décadas.

Entretanto, embora esse conceito de Elkington tenha ajudado a integrar a preocupação de caráter ambiental e social ao universo empresarial e à sociedade em geral, ele não foi suficiente para fazer com os países e as empresas assumissem, de imediato, compromisso nesse sentido. As

³ ELKINGTON, John. Towards the Sustainable Corporation: Win-Win-Win Business Strategies for Sustainable Development. In. *California Management Review*. vol. 36. 1994. p. 91.

⁴ ELKINGTON, John. Towards the Sustainable Corporation: Win-Win-Win Business Strategies for Sustainable Development. In. *California Management Review*. vol. 36. 1994. p. 97

consequências da devastação resultante da sociedade industrial no período pós-guerra foram lentamente fazendo com os países se preocupassem com compromissos ambientais, mas foi só no final da década de 80 que preocupações começaram a se converter em ações, com a realização de encontros e conferências globais promovidas pela ONU.

Como exemplo, pode-se citar a série de encontros internacionais como a *Toronto Conference on the Changing Atmosphere*, realizada no Canadá em 1988 e a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CNUMAD), também chamada de Cúpula da Terra (ou Rio-92), realizada no Rio de Janeiro em 1992, que resultou em um tratado internacional nomeado Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima (CQNUMC)⁵, cujo objetivo é “a estabilização das concentrações de gases de efeito estufa na atmosfera num nível que impeça uma interferência antrópica perigosa no sistema climático” (Art. 2º), e na Agenda-21. Esta última representa um marco na tentativa de aliar o desenvolvimento econômico com a cooperação ambiental e social. Trata-se de um documento com 40 capítulos sobre temas amplos e diversos, como pobreza, consumo, sustentabilidade, saúde, desenvolvimento sustentável, meio ambiente, biotecnologia, diversidade biológica, etc. Ela estabeleceu a importância de que cada país se comprometa a repensar a forma como seus governos, empresas, população e organizações sociais interagem com os temas abordados pelo documento, sinalizando a necessidade de esforços conjuntos e organizados para criação de um novo modelo de desenvolvimento sustentável sob diversos aspectos.

Na esteira desses esforços internacionais, tem-se a Agenda 2030, um plano de ação com o qual os 193 Estados-membros da ONU se comprometeram, assumindo o compromisso de zelar por um crescimento econômico sustentável, inclusão social e proteção do meio ambiente em um marco de cooperação e paz. A análise desse documento mais recente, surgido em 2015, permitirá que se compreenda a dimensão das preocupações atuais com o desenvolvimento sustentável e como elas afetam as empresas e as cadeias produtivas.

1 Os desafios da sustentabilidade, os compromissos da Agenda 2030 e o ESG

A Agenda 2030 é um plano de ação multidimensional que nasce inspirado na busca do fortalecimento da paz universal que inspira a ONU. Ele compreende 17 Objetivos de

⁵ Esse tratado foi internalizado no ordenamento jurídico brasileiro pelo Decreto nº 2.652, de 1º de Julho de 1998.

Desenvolvimento Sustentável e 169 metas, que constam do documento Transformando Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, adotado pelos 193 Estados-membros da ONU em setembro de 2015. Além desses objetivos, possui também uma seção sobre meios de implementação e de parcerias globais, bem como um roteiro para acompanhamento e revisão. Os ODS são o núcleo da Agenda, e tem como prazo limite para serem alcançados o ano de 2030.⁶

Essa Agenda é um dos mais ambiciosos planos de ação acordados até os dias de hoje para eliminar a pobreza extrema, reduzir a desigualdade e proteger o planeta. O documento, que desde a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, de 1972, foi adquirindo impulso, é o ápice de mais de quatro décadas de diálogo e debate multilateral acerca de como responder aos desafios meio ambientais, sociais e econômicos aos que, desde há anos, se enfrenta a comunidade internacional. No que respeita à aplicação da Agenda, há uma responsabilidade que recai, principalmente, sobre os governos nacionais como resultado de amplas negociações entre os Estados Membros.

As cinco dimensões em que a Agenda 2030 visa impactar são: pessoas, prosperidade, planeta, participação coletiva e paz⁷. Quando se leva em conta a visão histórica dos três elementos básicos que constituíam a definição de sustentabilidade (inclusão social, crescimento econômico e proteção meio ambiental), se percebe que tal conceito tem adquirido um significado ainda mais profundo com a adoção da Agenda 2030, que se ampara no enfoque tradicional com o acréscimo de dois componentes essenciais: a participação coletiva e a paz.

Estes cinco pilares são os responsáveis por determinar como serão direcionadas as políticas de desenvolvimento. Isto é, para que um projeto de desenvolvimento possa ser julgado como sustentável, o mesmo deve levar em consideração as repercussões de índole social, econômica e meio ambiental, bem como viabilizar a adoção de decisões conscientes no que tange às vantagens e desvantagens, às sinergias e aos efeitos secundários que tal projeto pode gerar. É por isso que os responsáveis por formularem as políticas de desenvolvimento devem garantir que toda intervenção seja desenvolvida e se leve a cabo com as alianças adequadas e seja capaz de mobilizar, também, os devidos recursos para sua execução.

⁶ Conheça a Agenda 2030. *Plataforma Agenda 2030*. 2021. Disponível em: <<http://www.agenda2030.com.br/sobre/>>. Acesso em: 23/10/2021.

⁷ ONU. *Transformando Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*. 2015. p. 1.

Portanto, a Agenda 2030 e seus Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) são fundamentais para entendermos e, principalmente, resolvermos, questões que afetem pautas tais como degradação ambiental, mudanças climáticas e desigualdades sociais, dentre outras.

Os ODS, embora não representem a Agenda 2030 em sua totalidade, são peças de intervenção substanciais — resultado de extensas negociações e acordos políticos — que retratam algumas das necessidades mais urgentes e universais para alcançar um desenvolvimento sustentável. Esses Objetivos têm como propósito ampliar os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM)⁸ e atingir aqueles objetivos que não foram cumpridos por estes últimos.

Na Agenda 2030 são detalhados 17 ODS, responsáveis por garantir um futuro melhor para todos:⁹

1. Erradicação da pobreza: é necessário erradicar a pobreza em todas as suas formas e em todo o mundo, visto que, segundo dados do Banco Mundial, em 2020, mais de 700 milhões de pessoas viviam na extrema pobreza;
2. Fome Zero e Agricultura Sustentável: eliminar a fome, alcançar a segurança alimentar e a melhora da nutrição, além de viabilizar um modelo de agricultura sustentável são os principais propósitos do segundo Objetivo;
3. Saúde e Bem Estar: o propósito deste Objetivo é o de assegurar uma vida saudável e incentivar o bem-estar para todos em todas as idades, com metas integradas que abordam a promoção da saúde como essencial ao fomento das capacidades humanas;
4. Educação de Qualidade: segundo dados da Unicef, cerca de 303 milhões de jovens do mundo todo entre 5 e 17 anos não têm acesso à escola e é por isso que neste ODS se busca garantir uma educação baseada na inclusão, na equidade e que, ademais, seja de qualidade. Além, disso, se visa pela promoção de oportunidades de aprendizagem para todos;

⁸ "Os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) emergiram de uma série de cúpulas multilaterais realizadas durante os anos 1990 sobre o desenvolvimento humano. O processo de construção dos ODM contou com especialistas renomados e esteve focado, principalmente, na redução da extrema pobreza. A Declaração do Milênio e os ODM foram adotados pelos Estados-membros da ONU em 2000 e impulsionaram os países a enfrentarem os principais desafios sociais no início do século XXI". CONHEÇA a Agenda 2030. *Plataforma Agenda 2030*. 2021. Disponível em: <<http://www.agenda2030.com.br/sobre/>>. Acesso em: 23/10/2021.

⁹ Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. *Plataforma Agenda 2030*. 2021. Disponível em: <<http://www.agenda2030.com.br/ods/8/>>. Acesso em: 31/10/2021.

5. Igualdade de Gênero: o quinto Objetivo trabalha para conquistar a igualdade entre os gêneros e o empoderamento de todas as mulheres e meninas. De acordo a Organização Mundial da Saúde (OMS), uma em cada três mulheres, ou seja, aproximadamente 736 milhões, já sofreram violência física ou sexual por parte de seu parceiro ou violência sexual por parte de um não parceiro;
6. Água Potável e Saneamento: conforme estudos feitos pela OMS e a UNICEF, três de cada dez pessoas no mundo não têm acesso a água potável. Por isso, um dos objetivos mais pressurosos consiste em assegurar a disponibilidade de água e seu ordenamento sustentável;
7. Energia Limpa e Acessível: com suas medidas, esse Objetivo pretende possibilitar o acesso a uma energia acessível, segura, sustentável e moderna.
8. Trabalho Decente e Crescimento Econômico: promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, o emprego pleno e produtivo e o trabalho decente para todos;
9. Indústria, Inovação e Infraestrutura: Construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação. Garantir transporte público e infraestrutura urbana de qualidade, que são condições necessárias para o desenvolvimento sustentável;
10. Redução das Desigualdades: esse objetivo visa a erradicação da pobreza em todas as suas dimensões, na redução das desigualdades socioeconômicas e no combate às discriminações de todos os tipos;
11. Cidades e Comunidades Sustentáveis: Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis, abrangendo temas como mobilidade, gestão de resíduos sólidos e saneamento;
12. Consumo e Produção Responsáveis: Buscando assegurar padrões de produção e consumo sustentáveis, as metas desse objetivo visam a promoção da eficiência do uso de recursos energéticos e naturais, da infraestrutura sustentável, do acesso a serviços básicos, além de priorizar a informação, a gestão coordenada, a transparência e a responsabilização dos atores consumidores de recursos naturais;

13. Ação contra a Mudança Global do Clima: Tomar medidas urgentes para combater a mudança do clima e seus impactos, mobilizando valores para ajudar os países em desenvolvimento no plano de mitigação de desastres relacionados ao clima, mobilizando atores capazes de promover as mudanças necessárias para frear as projeções climáticas futuras, dentre outras ações;
14. Vida na Água: Conservar e promover o uso sustentável dos oceanos, dos mares e dos recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável;
15. Vida Terrestre: Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda;
16. Paz, Justiça e Instituições Eficazes: Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável;
17. Parcerias e Meios de Implementação: Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável;

Os ODS aprofundaram uma transição que já vinha ocorrendo de longa data. O papel do setor privado na busca pela sustentabilidade deixou de ser suplementar e passou a ser central. O desafio do setor privado não é apenas converter suas operações em resposta às exigências de reguladores, consumidor e parceiros, mas dar uma resposta inevitável a exigências normativas com impactos operacionais.¹⁰

O setor privado também passa a ser fundamental para atingir os objetivos da Agenda 2030 pois pode não apenas ajudar a suprir o déficit de financiamento¹¹ que se detectou para atingir os ODS, como também pode contribuir com transferência de conhecimento e capacidade para ganhos de escala e impacto com base em inovação.¹²

Os ODS consolidam a ideia de que a prosperidade empresarial, social e ambiental são interconectadas. Todos os atores, públicos e privados, passam a ser reconhecidos como atores do

¹⁰ BERNARDO, Luís Pais. *Sector privado, inovação e ODS*. Lisboa: CEsa – Centro de Estudos sobre África e Desenvolvimento/ISEG. 2020. p. 5-6.

¹¹ Estimado em 2,5 bilhões em 2014 pela UNCTAD em: UNCTAD, ed. 2014. *Investing in the SDGs: An Action Plan. World Investment Report 2014*. New York: United Nations.

¹² BERNARDO, Luís Pais. *Sector privado, inovação e ODS*. Lisboa: CEsa – Centro de Estudos sobre África e Desenvolvimento/ISEG. 2020. p. 6-7.

desenvolvimento sustentável, capazes de solucionar seus problemas. A colaboração entre setores diversos assume lugar essencial no planejamento, investimento, criação de abordagens inovadoras e holísticas, com vistas ao avanço do capitalismo em direção à economia sustentável.¹³

A maior imbricação entre a prosperidade empresarial, social e ambiental faz com que ao apostar em negócios e atividades que prezam pela sustentabilidade, esteja-se também apostando na comunidade, tanto do ponto de vista da preservação ambiental, como do ponto de vista do sucesso econômico e do bem-estar social. Assim, as empresas se beneficiam ao adotar práticas responsáveis, obtendo reconhecimento de sua marca perante o mercado, o que pode gerar aumento progressivo de vendas, aumento do respeito dos colaboradores pela empresa, destaque perante a concorrência, dentre outras vantagens, todas indicando que a empresa consegue, através desse comportamento, alcançar a criação de valor.¹⁴

No universo corporativo, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável tornam os negócios mais eficientes, responsáveis, transparentes e mais competitivos. Ao adotar uma metodologia para cumprir os ODS, as empresas assumem um papel relevante na mitigação dos riscos impostos ao meio ambiente e aos recursos naturais, além de contribuírem para a saúde, o bem-estar e a qualidade de vida no planeta.

As práticas ESG têm, aí, lugar fundamental. ESG é uma sigla que em inglês significa *Environmental, Social and Governance* e consiste em práticas que uma empresa adota considerando os aspectos ambientais, sociais e de governança. Ou seja, uma empresa que segue os princípios do ESG não se preocupa apenas com os índices financeiros. Nesse caso, eles avaliam também os impactos ambientais e sociais de suas ações.

A sigla ESG surgiu a partir de um relatório de 2005, que recebeu o nome de *Who Care Win¹⁵s* (ou “Ganha quem se importa”, em português). Esta foi uma iniciativa da ONU na qual participaram 20 instituições financeiras de 9 países distintos, incluindo o Brasil. A partir desse

¹³ BERNARDO, Luís Pais. *Sector privado, inovação e ODS*. Lisboa: CEsa – Centro de Estudos sobre África e Desenvolvimento/ISEG. 2020. p. 12.

¹⁴ CABO, Inês Simões do. *A sustentabilidade como fator impulsionador da competitividade empresarial - os objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS)*. Dissertação (Mestrado em Controle de Gestão) - Instituto Politécnico Lisboa. Lisboa, 2019. p. 34.

¹⁵ GLOBAL Compact Office. *Who Cares Wins*. 2005. Disponível em: <https://www.ifc.org/wps/wcm/connect/topics_ext_content/ifc_external_corporate_site/sustainability-at-ifc/publications/publications_report_whocareswins2005_wci_1319576590784>. Acesso em: 31/10/2021.

relatório ficou claro que a adoção de questões sociais, ambientais e de governança na gestão financeira das empresas gerava melhores resultados não só para as organizações, mas para a sociedade e meio ambiente.

Esse relatório acabou por provocar uma mudança paradigmática. A partir dele as práticas sustentáveis passaram a fazer parte das avaliações de desempenho, atrelando-se aos demais fatores financeiros das empresas e respondendo pelo seu valor e pelo valor de seus produtos.

Por outro lado, a partir do momento em que a ONU consolidou os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), a questão da sustentabilidade passou a ter metas claras e quantitativas para governos e indústrias. É neste contexto que o ESG ganha força, já que as empresas são instadas a se comprometer com ações concretas de responsabilidade ambiental e social, prezando também por políticas transparentes de governança corporativa. Desse modo, uma empresa que se destaca no critério ambiental, por exemplo, se mostra alinhada com tendências mundiais e preparada para lidar com as mudanças de paradigma com relação ao uso dos recursos naturais.

Já do ponto de vista social, a atenção a questões como inclusão e diversidade podem ir além do marketing e efetivamente agregar maior potencial de inovação ao negócio. Finalmente, com relação à governança, controles adequados e uma cultura de alto desempenho ajudam a garantir o sucesso da organização como um todo.

2 A adesão do mercado financeiro ao ESG

Foi-se a época em que as empresas necessitavam resolver o *trade-off* entre lucro e sustentabilidade. Atualmente, a preocupação com o meio ambiente, com as boas práticas de governança e com a responsabilidade social e corporativa é uma agenda que se encontra (ou deveria se encontrar) na pauta de todas as organizações, independentemente do tamanho e do segmento do mercado em que atua.

Sob a premissa de que as empresas atuam como guardiões dos recursos naturais para as gerações futuras, a verdade é que é evidente a necessidade de uma transição para um modelo de economia circular e regenerativa que permita cumprir com as metas dos 17 ODS nos próximos 9 anos.

Nesse sentido, o Fórum Econômico Mundial (WEF) de 2020, renovou seu manifesto defendendo que as empresas deveriam assumir uma nova conduta no contexto da quarta revolução industrial. O fundador e presidente executivo do WEF, no Fórum de Davos, declarou que “o capitalismo, durante muito tempo, descuidou o fato de que uma empresa consiste num organismo social e não é apenas um ente com fins lucrativos”¹⁶. Segundo ele, “o capitalismo está cada vez mais distante da economia real”¹⁷.

Tendo ciência da urgência de tal mudança e com o objetivo de fazerem parte dela, desde o fim do século XX, as instituições começaram a tomar consciência de sua responsabilidade social e ambiental, mais além da financeira, com o desenvolvimento de novos instrumentos financeiros e princípios orientados a bancos, corporações, emissores e investidores, e multiplicidade de iniciativas lideradas por bancos multilaterais e organizações internacionais.

Mesmo na literatura acadêmica, já se tornou lugar comum que as ODS afetam diretamente as instituições bancárias. A preocupação crescente da sociedade com os problemas climáticos, penetra cada vez mais presentes na agenda das instituições bancárias. Nessa esteira, os ODS são uma questão que ganham cada vez mais relevância.¹⁸

Esses objetivos permitem a inserção dos três fatores da sustentabilidade (ambiente, economia e sociedade) na estratégia e mecanismo organizacionais e provocam alterações necessárias nos modelos de negócio, ajustando-os aos novos desafios globais.¹⁹

O propósito é influenciar a criação de valor da organização a longo prazo, além do equilíbrio das comunidades e com a preservação da biodiversidade. Tais intentos são perseguidos mediante o realinhamento dos objetivos organizacionais e das áreas estratégicas de sustentabilidade com os 17 ODS. A esse realinhamento, segue-se a definição dos compromissos no âmbito de temas mais relevantes e dos ODS considerados como prioritários para o desenvolvimento da organização. O acompanhamento e o controle dos Objetivos, além da implementação de programas e de outros compromissos organizacionais, são feitos com

¹⁶ Davos Manifesto 2020: The Universal Purpose of a Company in the Fourth Industrial Revolution. *World Economic Forum*. 2019. Disponível em: <<https://www.weforum.org/agenda/2019/12/davos-manifesto-2020-the-universal-purpose-of-a-company-in-the-fourth-industrial-revolution/>>. Acesso em: 31/10/2021.

¹⁷ *Ibidem*.

¹⁸ CABO, Inês Simões do. *A sustentabilidade como fator impulsionador da competitividade empresarial - os objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS)*. Dissertação (Mestrado em Controle de Gestão) - Instituto Politécnico Lisboa. Lisboa, 2019. p. 93.

¹⁹ *Ibidem*.

ferramentas que analisam a performance e o nível de sucesso alcançado, como metas e indicadores.²⁰

Na adequação aos ODS nas instituições bancárias, as práticas ESG é onde as mudanças se fazem mais evidente, e o reconhecimento de que essas práticas geram retorno as empresas já vêm sendo amplamente reconhecido.

De acordo com um estudo feito em 2017 pelo *Boston Consulting Group* (BCG), as empresas que assumem estratégias ESG obtêm uma rentabilidade e um valor de mercado maior do que aquelas que não o fazem, visto que implementar tais estratégias não contribui somente para a mitigação de riscos ambientais, sociais e corporativos, mas também para uma melhor imagem da organização perante o mercado, investidores e clientes²¹.

Nessa mesma linha de pensamento, Panagiotis Tzouvanas e Emmanouil Mamatzakis, dois economistas gregos e professores da *University of Sussex* e da *Birbeck College*, respectivamente, constataram no seu artigo “*Does it pay to invest in environmental stocks?*”, publicado na *International Review of Financial Analysis* que os investidores cujo portfólio de investimentos é composto por ações de empresas com melhor desempenho no quesito ambiental, podem obter retornos sobre o montante investido até 7% maiores do que se investissem em ações de empresas poluentes²².

De acordo com a pesquisa feita pelos economistas, os investidores que, em 2005, aplicaram a quantia de US\$100 em empresas que reduziram a emissão de poluentes um 10% em relação à média de empresas do mercado em que atua, em 2018, possuíam US\$45 a mais do que possuiriam se tivessem aplicado aqueles US\$100 em outra empresa que contamina 10% a mais do que as demais. Em outras palavras, os investidores obtiveram uma rentabilidade 45% maior investindo em uma empresa com apetite ESG do que se o tivessem feito em uma outra que não leva em consideração as questões de cunho ambiental nas suas decisões²³.

Dentre as diversas conclusões às que o estudo, pioneiro no que respeita a avaliar a relação existente entre o desempenho ambiental das empresas e os retornos ajustados ao risco de mesma

²⁰ Id. p. 94.

²¹ The Boston Consulting Group. *Total Societal Impact: A new lens for strategy*. 2017. Disponível em: <<https://media-publications.bcg.com/BCG-Total-Societal-Impact-Oct-2017.pdf>>. Acesso em: 31/10/2021.

²² TZOUVANAS, Panagiotis, MAMATZAKIS, Emmanuel C. Does it pay to invest in environmental stocks? in.: *International Review of Financial Analysis*. Vol. 77, 2021.

²³ Ibidem.

índole chegou, destaca-se à de que quando uma empresa assume uma responsabilidade com o meio ambiente, adota, como consequência, uma ótima estratégia de crescimento tanto para a própria firma quanto para o lucro de seus investidores. Existem algumas empresas que atuam em segmentos tidos como ambientalmente “sensíveis”, tais como as de geração de energia e, por isso, foram as levadas em consideração na hora do estudo. Tais empresas foram as que se viram mais beneficiadas quando reduziram suas emissões ligadas ao efeito-estufa, pois foram capazes de registrar uma valorização de 3% nas suas ações a cada 10% de redução nas suas emissões.

Todos os anos, Larry Fink, CEO da BlackRock, maior gestora de fundos de investimentos do mundo, responsável atualmente por gerir 8 trilhões de dólares em ativos, manda uma carta aos CEOs das empresas que recebem investimentos da companhia com o intuito de orientá-los acerca das estratégias da empresa. Na carta que mandou em 14 de janeiro de 2020, citou a sustentabilidade como cerne para as estratégias e posicionamento das empresas. Fink afirma que, cada vez mais, as empresas, estão levando em consideração o risco climático na hora de ajustarem os seus portfólios. Ademais, segundo Fink, o posicionamento da BlackRock é de que “como fiduciários, nossa responsabilidade é de auxiliar os clientes a navegarem nesta transição. Nossa convicção de investimento é que os portfólios integrados com a sustentabilidade e clima podem proporcionar melhores retornos ajustados ao risco para os investidores. E, dado o crescente impacto da sustentabilidade no retorno dos investimentos, acreditamos que a base mais forte para os portfólios dos nossos clientes no futuro é o investimento sustentável.²⁴

Na carta, o CEO aponta algumas ações que a empresa pretende adotar para posicionar a agenda da sustentabilidade como ponto central de sua estratégia de investimento:

- Fazer da sustentabilidade uma parte integrante da construção do portfólio e da gestão de risco;
- Desinvestir daqueles com alto risco de sustentabilidade, como os produtores de carvão para termoeletricas;
- Lançar novos produtos de investimento que filtrem os combustíveis fósseis; e
- Fortalecer o compromisso da Black Rock com a sustentabilidade e a transparência em suas atividades de gestão de investimentos.

²⁴ Uma mudança estrutural nas finanças. *BlackRock*. 2020. Disponível em: <<https://www.blackrock.com/br/larry-fink-ceo-letter>>. Acesso em: 31/10/2021.

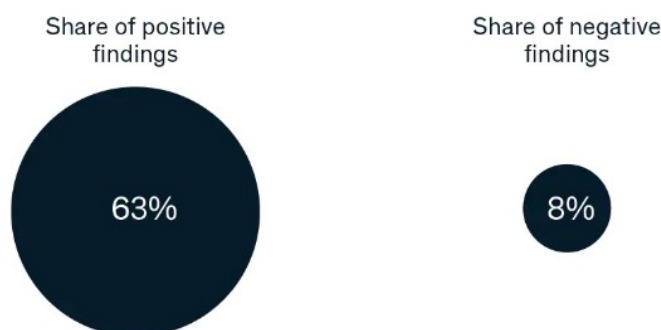
A declaração de intenções feita pela BlackRock acerca da adoção de uma agenda ESG deveu-se à maior atenção nas questões sociais, governamentais e ambientais dada tanto pelos investidores quanto pelos executivos que compreenderam que assumir um posicionamento ESG pode garantir o sucesso de longo prazo de uma empresa. Nessa linha e, segundo um artigo publicado pela McKinsey em 2019, os investimentos alinhados com pautas sustentáveis sofreram um expressivo aumento no período entre 2014 e 2019, chegando aos US\$30 trilhões e simbolizando um crescimento de 68% desde 2014.

Quando se fala de desempenho de negócios, a pesquisa da McKinsey nos mostra que aquelas empresas com apetite ESG obtêm retornos de ações mais elevados, assim como uma redução no risco de queda, justificada por spreads de swap mais baixos e classificações de créditos mais altas (Figura 1):

FIGURA 1:

Paying attention to environmental, social, and governance (ESG) concerns does not compromise returns—rather, the opposite.

Results of >2,000 studies on the impact of ESG propositions on equity returns



Source: Gunnar Friede et al., "ESG and financial performance: Aggregated evidence from more than 2000 empirical studies," *Journal of Sustainable Finance & Investment*, October 2015, Volume 5, Number 4, pp. 210–33; Deutsche Asset & Wealth Management Investment; McKinsey analysis

McKinsey
& Company

Após apresentar um cenário de como as estratégias ESG são adotadas pelas empresas em geral, cabe perguntar como ocorre, na prática, a implementação das práticas ESG no mercado financeiro, e quais fatores contribuem para que os investimentos vinculados à essas práticas apresentem o crescimento acelerado que vêm registrando.

No dia-a-dia das relações financeiras, os investidores estão cada vez mais preocupados em saber como as empresas utilizam seu dinheiro e, em vista disso, em caso de constatarem que a conduta das organizações nas quais estão investindo não está alinhada com pautas sustentáveis, não duvidarão em retirar os seus recursos dela. É por conta desta preocupação que a demanda por produtos ESG tem sofrido um aumento exponencial.

Ao mesmo tempo, outro motivo do aumento reside no fato de que o mercado está mostrando paulatinamente uma maior confiança nas organizações que tem avançado na transparência de suas operações, assim como na devida divulgação de suas informações.

Deve-se destacar, também, a chegada à bolsa das novas gerações (*millennials* e *centennials*), gerações estas, que demonstram uma maior preocupação por criar um impacto positivo no mundo e, uma das melhores formas que encontrou de levar à cabo tal proposta foi mediante o investimento em projetos sustentáveis ou com finalidade ESG.

Por fim, e como supracitado, os investimentos com critérios ESG possuem duas características de suma importância para quem realiza aplicações: são mais rentáveis e menos voláteis, o que fez com que, até aqueles investidores cuja preocupação principal se resume aos rendimentos de seus portfólios, prefiram investimentos ESG em decorrência a outra classe de produtos.

Hoje em dia, no mercado brasileiro existe uma grande variedade de fundos que consideram os aspectos ESG como fator relevante para escolher quais empresas farão parte de suas carteiras. De acordo com um levantamento feito pela *Morningstar*, no Brasil, somente em 2020 foram criados 85 fundos ESG, *vis-à-vis* os 6 existentes em 2019²⁵.

Nos Estados Unidos, os fundos sustentáveis saltaram de 100 para 303 de 2010 a 2020. Esses fundos são classificados em até 67 categorias diferentes por empresas de pesquisas aplicadas a investimentos, mas agrupados em três tipos amplos de estratégias sustentáveis: Foco ESG, Impacto/Temático, Setor Sustentável. As duas primeiras envolvem abordagens diversificadas, usadas no lugar de estratégias convencionais comumente encontradas em carteiras de investidores. Já os fundos do Setor Sustentável são portfólios setoriais focados em empresas associadas à economia verde ou em temas de sustentabilidade em um setor existente.²⁶

Outro dado que indica o aumento da importância financeira que os fundos ESG vêm alcançando é o aumento da quantidade de fundos convencionais que dizem considerar fatores ambientais, sociais e de governança. Nos Estados Unidos, esse número foi de 81 para 564 em 2018. O fato de que mais de 500 fundos atuam com consideração ao ESG, embora ainda não afirmem essas práticas como foco de todas as suas decisões, é um indicador de que muitos gestores e investidores reconhecem a importância desses fatores ao investir.²⁷

Além disso, naquele país, os fundos sustentáveis superaram seus pares convencionais em 2019, com 35% desses nos quartis superiores de suas categorias, e 66% nas metades superiores²⁸. Esses dados indicam não só uma crescente aceitação de questões ESG como fatores materiais de

²⁵ Fundos ESG captaram ao menos R\$ 2,5 bi em 2020 no Brasil. O que está por trás do número? *CapitalReset*. 2021. Disponível em: <<https://www.capitalreset.com/fundos-esg-captaram-ao-menos-r-25-bi-em-2020-no-brasil-o-que-esta-por-tras-do-numero/>>. Acesso em: 31/10/2021.

²⁶ HALE, Jon. The ESG Fund Universe Is Rapidly Expanding. *Morningstar*, 2020. Disponível em <<https://www.morningstar.com/articles/972860/the-esg-fund-universe-is-rapidly-expanding>>. Acesso em: 31/10/2021.

²⁷ *Ibidem*.

²⁸ *Ibidem*.

investimento pelos principais gestores de ativos, mas também que o desempenho desses fundos não é inferior ao dos fundos convencionais.

Os fundos ESG são, justamente, a principal forma disponível para aqueles que buscam expor sua carteira de investimentos às vantagens do ESG. Esses fundos, também conhecidos como fundos verdes, buscam ações de empresas comprometidas e que se destacam em pelo menos um dos três aspectos – ambiental, social ou de governança corporativa.

No Brasil, já existem índices específicos do mercado financeiro voltados para mensurar o desempenho de acordo com critérios de ESG. Os principais deles são o ISE (Índice de Sustentabilidade Empresarial)²⁹, o ICO2 (Índice Carbono Eficiente)³⁰ e o S&P/B3 Brasil ESG, criado em 2020 por meio de uma parceria entre a Bolsa brasileira e a S&P Dow Jones. Mas eles não são os únicos, o que pode ser considerado mais um sinal da valorização e da importância dos investimentos ESG no mercado financeiro. Os gestores de fundos e investidores podem acompanhar também o Índice de Ações com Governança Corporativa Diferenciada (IGC); o Índice de Governança Corporativa Trade (IGCT); o Índice Governança Corporativa — Novo Mercado (IGC-NM) e ainda o Índice de Ações com Tag Along Diferenciado (ITAG).

Apesar disso, ainda é um grande desafio medir os critérios ESG na prática das empresas e dos fundos. Ainda não há uma padronização das métricas ou a possibilidade de uma comparação fácil do desempenho de empresas de setores diferentes. A simples importação de padrões internacionais já validade, como o GRI (*Global Reporting Initiative*), por exemplo, pode não ser a solução adequada, devido aos altos custos de tais medições, inacessível a muitas das empresas. Além disso, há que se considerar que cada empresa deve ser cobrada por seu desempenho ESG em função das especificidades do seu ramo de negócio, do seu tamanho e de sua localização. Por

²⁹ É o índice da Bolsa de Valores do Brasil. Foi criado em 2005 e reúne empresas que, de alguma forma, adotam o ESG em seus negócios. Para entrar na carteira, as companhias precisam apresentar informações e evidências de suas práticas. Os dados são avaliados pela B3, que atribui uma nota final à empresa, dando origem a um ranking. Conforme: ESG: o que os indicadores, afinal, indicam? *Atados*, 2021. Disponível em: <<https://blog.atados.com.br/indicadores-esg/>>. Acesso em: 31/10/2021.

³⁰ formado por companhias que desenvolveram políticas para controlar e diminuir a emissão de gases responsáveis pelo efeito estufa. A finalidade é promover discussões sobre as questões climáticas e elencar as organizações corporativas que se comprometem de forma ética a uma prática econômica de baixo carbono. Conforme: INDICADORES ESG e o impacto nas empresas. *SGS Sustentabilidade*, 2021. Disponível em: <<https://sgsustentabilidade.com.br/indicadores-esg-e-o-impacto-nas-empresas/>>. Acesso em: 31/10/2021.

isso, ainda há grande debate acerca da precisão dos índices e da relação concreta entre os números e as situações de fato de cada fundo e empresa.³¹

Ademais, para alcançar um sistema sustentável, cabe destacar que o Estado desempenha um papel fundamental no que respeita à inclusão do desenvolvimento sustentável dentro do processo de desenho, planejamento e operatividade das políticas públicas, para que as mesmas, sejam capazes de melhorar a qualidade de vida dos cidadãos no âmbito, não somente econômico, mas, também, social, político e ambiental.

A partir das análises aqui feitas, se propõe entender o ambiente como um sistema complexo integrado pela natureza e pela sociedade, em constante interação e interdependência. Neste sentido, não se pode aspirar a alcançar o desenvolvimento sustentável se continua-se trabalhando de maneira isolada, entre setores afetados (político, econômico, social e ambiental) e âmbitos relacionados (federal, estatal e municipal).

Por isso, o Estado deve formular políticas públicas de maneira que solucionem a problemática no momento e que, também, sejam capazes de incorporar os benefícios a médio e longo prazo no âmbito da comunidade, levando em consideração o desenvolvimento do setor humano e a conservação do fator ambiental.

Assim, a sustentabilidade deve ser tratada como uma proposta de desenvolvimento e que deve ser aceita pela maioria dos governos e setores sociais, se tornando necessária como eixo estruturador das estratégias não somente das empresas, mas também, das políticas públicas.

É importante entender que não deve existir um conflito entre a sustentabilidade e o crescimento econômico das organizações, visto que, este último, pode ser considerado como um meio para a propagação de novas práticas.

Como foi mostrado, as empresas obtêm bons resultados ao adotarem práticas sustentáveis nos seus negócios, reduzindo os riscos e ganhando reputação, além de eficiência. No entanto, para viabilizar um mundo (e negócio) mais sustentável é necessário entender que as corporações precisam dialogar fortemente com o Estado.

³¹ RODRIGUES, Maria C. P. Indicadores ESG: padronização e comparabilidade. *Estratégia Social*, 2021. Disponível em: < <https://estrategiasocial.com.br/indicadores-esg-padronizacao-e-comparabilidade/>>. Acesso em: 31/10/2021.

3 Estudo de caso: Santander Private Banking

Em 2001, o então Banco Real, criou o Fundo *Ethical* e, em 2020, o Fundo passou por uma reformulação principalmente no que respeita aos critérios de seleção das empresas que farão parte de seu portfólio.

O Fundo *Ethical*, hoje em dia gerido pelo Santander *Asset Management* (SAM) foi pioneiro a adotar critérios ESG na hora de escolher os ativos de sua carteira.

O Santander *Asset Management* é uma das três áreas que constituem o Santander *Wealth Management*, junto ao Private Banking e à Corretora, responsável por R\$302 bilhões de ativos sob gestão no Brasil e que atua no país há mais de 30 anos, oferecendo aos clientes uma ampla gama de produtos de investimento, dentre os quais podem-se encontrar Renda Fixa, Renda Variável, Multimercados, entre outros.

Luzia Hirata, quando analista de ESG do SAM, explicou sobre a reformulação do Fundo *Ethical*: “Este ano começamos a aplicar uma metodologia global desenvolvida pelo time de analistas especialistas em ESG do Santander a partir de dados de provedores de informações ESG”³². Ademais, agrega “são analisados um conjunto de dados nas três dimensões – ambiental, social e de governança corporativa. O desempenho das empresas é avaliado em termos absolutos e relativos, ou seja, em comparação a outras companhias”³³.

Cabe destacar que a metodologia usada no *Ethical* não é empregada apenas para medir o risco de crédito deste Fundo, mas para todos os investimentos geridos pela SAM.

Em um primeiro momento, é levada em consideração a nota que cada empresa que deseja fazer parte do portfólio do Fundo possui no que respeita às questões ambientais, sociais e de governança. A coleta das informações para obter a nota é feita pela Clarity, uma empresa internacional, terceirizada pelo Santander e que é especialista em medir o impacto social, ambiental e, também, o desempenho financeiro das empresas.

³² BERTÃO, Naiara. Santander relança fundo ESG Ethical e cria fundo de previdência na mesma linha. *Valor Investe*, 2020. Disponível em: <<https://valorinveste.globo.com/produtos/fundos/acoes/noticia/2020/10/01/santander-relanca-fundo-esg-ethical-e-cria-fundo-de-previdencia-na-mesma-linha.ghtml>>. Acesso em: 31/10/2021.

³³ *Ibidem*.

A seguir, uma equipe de oito pessoas, baseadas na sede do Santander na Espanha, processa as informações para que as *assets* do banco consigam aplicar os filtros que acharem mais idôneos para a escolha das empresas que comporão a carteira.

No caso específico do *Ethical*, é levada a cabo uma análise fundamentalista para, depois, considerar qual será o potencial de valorização da empresa e, assim, compor uma carteira com, até 35 empresas fazendo parte dela.

Preferiu-se mudar a metodologia que o SAM adotava a nível local para uma usada pelo Santander global, dado que, segundo Gilberto Abreu, CEO da SAM, não existe uma padronização no que respeita às análises ESG no mercado financeiro, o que faz com que se levasse em consideração apenas a visão do analista, resultando em conclusões enviesados. Ademais, ainda de acordo com Gilberto Abreu, em ocasiões, as informações socioambientais fornecidas podem não serem eficientes para serem aplicadas nos modelos de análises devido à falta de padronização entre elas.

Sobre o relançamento do Fundo *Ethical*: “Aprendemos bastante com *Ethical* nos últimos 19 anos. Foi uma grande referência. Nos últimos anos tivemos período em que ele não performou. Mas, de 12 meses pra cá, a evolução foi notória”³⁴, diz Luzia Hirata.

Desde que o *Ethical* foi lançado, o Fundo rendeu 8,6% acima do Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE), ferramenta responsável, na América Latina, por indicar o desempenho médio das cotações de empresas alinhadas com o desenvolvimento sustentável. Quando o *Ethical* foi reformulado, eram 30 as organizações que compunham o ISE B3 2020 e, dentre elas, encontrava-se o Santander.

Cabe destacar que o Santander Private Banking, área do *Wealth Management* responsável por oferecer soluções personalizadas para os indivíduos de patrimônio elevado (mais de R\$5 milhões de receita), tem um forte anseio em se posicionar de uma forma mais robusta perante o mercado no que respeita às práticas ESG. Para isso e, alinhado com a cultura do Santander de ser um banco Simples, Pessoal e Justo, o Santander Private Banking pretende adotar um posicionamento ESG engajado, também, com tal cultura. Nesse sentido, foi realizada,

³⁴ ABDO, Sara. Santander reforma fundo Ethical, pioneiro em ESG. Mas carteira pouco muda. *Reset*, 2020. Disponível em: <<https://www.capitalreset.com/santander-reforma-fundo-ethical-pioneiro-em-esg-mas-carteira-pouco-muda/>>. Acesso em: 31/10/2021.

internamente, uma análise SWOT para, seguidamente, definir qual seria o posicionamento do Private Banking no quesito ESG para os próximos anos.

O propósito de uma empresa ao fazer uma análise SWOT ou, também chamada de análise FOFA, é o de identificar as vantagens e desvantagens, ademais de diagnosticar, também, os pontos positivos e negativos de iniciar um projeto. A sigla SWOT ou FOFA corresponde à:

- *Strengths* ou Forças;
- *Opportunities* ou Oportunidades;
- *Weaknesses* ou Fraquezas;
- *Threats* ou Ameaças.

Devido à aspectos relacionados à segurança da informação, serão comentados apenas as questões que dizem respeito às forças que o Private Banking possui no âmbito ESG.

Foram identificadas três forças:

A primeira diz respeito à metodologia adotada já que, como supracitado, trata-se de um método próprio do banco, usado a nível global. Anteriormente, a metodologia empregada para a análise de crédito consistia em outorgar a cada critério de sustentabilidade uma nota baseada em 23 questões que as empresas, ao respondê-las, determinavam o seu perfil ESG e, assim, eram aptos (ou não) a fazer parte do portfólio dos Fundos. Ademais, existia, também, um Comitê responsável por opinar sobre os critérios empregados para a análise de crédito, mas que, quando o *Ethical* foi reformulado, dissolveu-se, visto que com a nova metodologia, não era mais necessária a existência do Conselho.

A segunda força reside na existência de uma área específica, *Sustainable Solutions* que, dentro do Private, é responsável pela concepção, criação e desenvolvimento de produtos e projetos sustentáveis. Ademais de ser o time dedicado a levar à cabo toda a abordagem ESG no segmento Private, também é a responsável pela ideação e gestão de *endowments*.³⁵

Devido ao incêndio ocorrido, em 2018 no Museu Nacional, várias discussões foram levantadas sobre a dificuldade de captação de dinheiro pelas instituições públicas e, a raiz disso,

³⁵ Santander Private Banking. *Santander*, 2021. Disponível em: <<https://www.santander.com.br/conta-corrente-pessoa-fisica/santander-private>>. Acesso em: 31/10/2021.

foi sancionada a Lei 13.800/19, que estabeleceu a regulamentação para a criação de *endowments* no Brasil. Nesse sentido, o time de *Sustainable Solutions* do Santander *Private Banking*, apoia e incentiva instituições públicas como universidades e hospitais a aumentarem os seus fundos filantrópicos.³⁶

Ademais dos *endowments*, o time de *Sustainable Solutions* também visa pela adesão dos clientes aos fundos filantrópicos familiares com o intuito de que participem de maneira ativa no papel de reduzir as desigualdades sociais e, assim, impactar de maneira positiva a sociedade, além de obterem retornos de maneira permanente.³⁷

Por fim, a terceira força que o Santander alega para si, manifesta-se na sustentabilidade corporativa. O banco como um todo está comprometido com ações capazes de gerar sustentabilidade e possui a preocupação de que esse jeito de proceder se integre nos negócios e operações para, assim, gerar resultados advindos de atividades que causaram um impacto socioambiental positivo.

O desejo que o Santander *Private Banking* possui de ser a melhor plataforma *Private* do Brasil está alinhado com o propósito que o banco tem de contribuir para que as pessoas e os negócios prosperem e, por isso, o SPB busca oferecer as melhores soluções em filantropia, investimentos e ESG. Para isso, como foi delimitado acima, o Santander *Private Banking* está reformulando o seu posicionamento ESG para torná-lo mais expressivo dentro do segmento.

Conforme estudo de *benchmark* realizado internamente e cujo propósito foi o de avaliar a *performance* do *Private* do banco em relação à de seus concorrentes, viu-se que o Santander *Private Banking* possui hoje em dia apenas quatro fundos próprios: Fundo *Ethical*, *Prev Ethical* Sustentabilidade, *Prev Ethical 70* Sustentabilidade e *Go Global Equity* ESG vis-à-vis os 23 fundos ofertados pelo BRAM (*Bradesco Asset Management*) ou 22 da segunda melhor posicionada nesse quesito, a *XP Asset*.

Nesse sentido, o Santander *Private Banking*, procura incrementar o volume de fundos ofertados para, dessa forma, aumentar a sua prateleira de produtos de investimento ESG e, conseqüentemente, crescer tanto em resultado, quanto em impacto socioambiental.

³⁶ *Ibidem*.

³⁷ *Ibidem*.

Conclusão

As empresas têm voltado sua atenção para a sigla ESG (*Environmental, Social and Governance*) que nada mais é do que um conjunto de critérios que devem ser levados à cabo para analisar se as empresas parceiras adotam (ou não) práticas e estratégias sustentáveis nas suas atividades.

Cabe destacar que a atitude ESG é um meio para que as empresas adotem os Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis (ODS) que fazem parte da Agenda 2030, um plano de ação que leva em consideração três esferas do desenvolvimento sustentável: econômico, ambiental e social.

Como evidenciado no Capítulo 2, as empresas têm decidido adotar boas práticas de responsabilidade social, governança e sustentabilidade ambiental visto que, ademais da crescente preocupação por tais questões, desfrutam, também, de um maior retorno sobre seus ativos.

Nesse sentido, o mercado financeiro, adaptou-se para abraçar a necessidade de levar em consideração uma postura ESG nos seus negócios e operações. Por isso, em suas análises de crédito e escolha de ativos a sigla se faz muito presente, bem como na hora da concepção e desenvolvimento de novos produtos de investimento.

No caso do Santander Private Banking, destacam-se três competências de suma importância no seu posicionamento ESG, que são: a nova metodologia adotada que, graças ao Fundo *Ethical* (pioneiro no mercado brasileiro de Fundos) e ao seu relançamento em 2020, tornou-se mais acurada e eficaz no que respeita à análise de risco das empresas que desejam fazer parte do portfólio do Fundo; a existência de uma área (*Sustainable Solutions*) que trata assuntos específicos de temática ambiental, social e de governança; e, por fim, a sustentabilidade corporativa do banco como um todo que, independentemente do segmento, se compromete a adotar uma postura que vise pelo impacto socioambiental positivo.

Foi realizada um estudo interno de benchmark à fim de entender a performance do Private em relação a seus concorrentes e, concluiu-se que, é necessário aumentar a prateleira de produtos ESG dentro do Santander Private Banking pois, hoje em dia, há apenas quatro fundos próprios rotulados como ESG.

REFERÊNCIAS

ABDO, Sara. Santander reforma fundo Ethical, pioneiro em ESG. Mas carteira pouco muda. **Reset**, 2020. Disponível em: <<https://www.capitalreset.com/santander-reforma-fundo-ethical-pioneiro-em-esg-mas-carreira-pouco-muda/>>. Acesso em: 31/10/2021.

BERNARDO, Luís Pais. **Sector privado, inovação e ODS**. Lisboa: CEsa – Centro de Estudos sobre África e Desenvolvimento/ISEG. 2020.

BERTÃO, Naiara. Santander relança fundo ESG Ethical e cria fundo de previdência na mesma linha. **Valor Investe**, 2020. Disponível em: <<https://valorinveste.globo.com/produtos/fundos/acoes/noticia/2020/10/01/santander-relanca-fundo-esg-ethical-e-cria-fundo-de-previdencia-na-mesma-linha.ghtml>>. Acesso em: 31/10/2021.

CABO, Inês Simões do. **A sustentabilidade como fator impulsionador da competitividade empresarial - os objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS)**. Dissertação (Mestrado em Controle de Gestão) - Instituto Politécnico Lisboa. Lisboa, 2019.

CONHEÇA a Agenda 2030. **Plataforma Agenda 2030**. 2021. Disponível em: <<http://www.agenda2030.com.br/sobre/>>. Acesso em: 23/10/2021.

DAVOS Manifesto 2020: The Universal Purpose of a Company in the Fourth Industrial Revolution. **World Economic Forum**. 2019. Disponível em: <<https://www.weforum.org/agenda/2019/12/davos-manifesto-2020-the-universal-purpose-of-a-company-in-the-fourth-industrial-revolution/>>. Acesso em: 31/10/2021.

ELKINGTON, John. Towards the Sustainable Corporation: Win-Win-Win Business Strategies for Sustainable Development. In. **California Management Review**. vol. 36. p. 90-100. 1994.

ESG: o que os indicadores, afinal, indicam? **Atados**, 2021. Disponível em: <<https://blog.atados.com.br/indicadores-esg/>>. Acesso em: 31/10/2021.

FUNDOS ESG captaram ao menos R\$ 2,5 bi em 2020 no Brasil. O que está por trás do número? **CapitalReset**. 2021. Disponível em: <<https://www.capitalreset.com/fundos-esg-captaram-ao-menos-r-25-bi-em-2020-no-brasil-o-que-esta-por-tras-do-numero/>>. Acesso em: 31/10/2021.

GLOBAL Compact Office. **Who Cares Wins**. 2005. Disponível em: <https://www.ifc.org/wps/wcm/connect/topics_ext_content/ifc_external_corporate_site/sustainability-at-ifc/publications/publications_report_whocareswins2005__wci__1319576590784>. Acesso em: 31/10/2021.

INDICADORES ESG e o impacto nas empresas. **SGS Sustentabilidade**, 2021. Disponível em: <<https://sgssustentabilidade.com.br/indicadores-esg-e-o-impacto-nas-empresas/>>. Acesso em: 31/10/2021.

HALE, Jon. The ESG Fund Universe Is Rapidly Expanding. **Morningstar**, 2020. Disponível em <<https://www.morningstar.com/articles/972860/the-esg-fund-universe-is-rapidly-expanding>>. Acesso em: 31/10/2021.

ONU. **Transformando Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. 2015. Disponível em: <http://www.agenda2030.com.br/saiba_mais/publicacoes>. Acesso em: 23/10/2021.

OS 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. **Plataforma Agenda 2030**. 2021. Disponível em: <<http://www.agenda2030.com.br/ods/8/>>. Acesso em: 31/10/2021.

RODRIGUES, Maria C. P. Indicadores ESG: padronização e comparabilidade. **Estratégia Social**, 2021. Disponível em: <<https://estrategiasocial.com.br/indicadores-esg-padronizacao-e-comparabilidade/>>. Acesso em: 31/10/2021.

SANTANDER Private Banking. **Santander**, 2021. Disponível em: <<https://www.santander.com.br/conta-corrente-pessoa-fisica/santander-private>>. Acesso em: 31/10/2021.

TZOUVANAS, Panagiotis, MAMATZAKIS, Emmanuel C. Does it pay to invest in environmental stocks? in.: **International Review of Financial Analysis**. Vol. 77, 2021.